

Teatro
17, 18, 19 Junho '09

Silenciador

De Jacinto Lucas Pires

Um espectáculo do Teatro Oficina

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Encenação Marcos Barbosa **Com** Diana Sá, Emílio Gomes e Ivo Bastos
Assistência de Encenação Leonor Zertuche **Cenografia e Figurinos** Sara Amado **Iluminação** Pedro Carvalho
Som e Música Sérgio Delgado **Produção executiva** Teatro Oficina
Estreia 9 de Outubro de 2008, Centro Cultural Vila Flor (Guimarães)

A peça foi publicada pelos Livros Cotovia.

Qua 17, Qui 18 e Sex 19 de Junho
Palco do Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h00 · M12

Jogar ao mundo

Nestes momentos, a frase feita safa sempre o escritor. A peça? É essa a pergunta? Bem, a peça “é o que é”. Num futuro indefinido, num Estado vigiado, dois polícias-detectives investigam um crime. Dizer mais do que isto já é dizer demais, talvez. Mas adiante. Era uma vez um futuro. Sentados à secretária, dois funcionários públicos com armas, cumprindo as suas obrigações, pressentindo que também eles são culpados de alguma coisa. “Quem guarda o guarda?”, a célebre questão vista do outro lado do espelho.

E, ligadas a esta, as ideias também clássicas do poder como vertigem e da liberdade como subversão. Por um lado: somos o que queremos ser? E por outro: queremos ser o que somos? Pois, um policial romântico. E, mais que romântico, político. E, mais que político, mental. Morte aos adjetivos! Vamos fazer coisas mas é. Fazer coisas de teatro e jogar ao mundo! (A ver se o mundo nos ouve.) Enfim, uma história para falar de tudo, como sempre. Aventura: como é que três pessoas adultas se sentam num único sofá? Romance: a linguagem que inventamos para nos escondermos é capaz de seduzir alguém? Comédia: é feliz quem consegue chegar ao fim com uma pergunta? Tragédia: seremos cúmplices disto tudo, mais ou menos? Não estaremos já dentro desta loucura, também?

No futuro as pessoas são como nós. Há casamentos e amor, ambição e video-vigilância, e lápis nº2 com riscas pretas e amarelas. Era uma vez uma história, começou. A regra manda que os heróis sejam seguros e secretos, e Santos, o mais experiente dos dois, é mesmo

assim. Manel, o polícia novato, é impressionável e acredita na regra e quer ser como ele. Depois há uma mulher e uma pistola. Jean-Luc Godard diz que é tudo o que é preciso para fazer um filme, mas, por favor, não pensem “cinema”. Aliás, também não pensem “teatro”. Isto é outra coisa, desde o futuro. Foi esse o único ponto de partida, começai aí, desse “depois”. “Será uma vez...”. Porquê? É essa a pergunta? Porque, às vezes, falar no futuro é a forma mais clara de atacar o presente. Atacar, pois. Mas que ninguém se assuste demasiado, também não é assim tão violento. Sim, prometo. Usei um silenciador.

Jacinto Lucas Pires

Desde um passado muito recente

Silenciador foi a primeira peça escrita do zero, ou do quase quase zero, nesta nova vida do Teatro Oficina. Feita como queremos verdadeiramente fazer este nosso teatro, numa relação próxima com o autor, fazendo das palavras corpo em acção, à medida que elas vão aparecendo.

Foi uma peça de começo, ponto de partida para esta aventura a que nos propomos: a construção de um teatro de nova dramaturgia portuguesa. Neste caso, deixando-nos levar por ideias de bandas-deseenhadas com muito preto e branco, por pedaços de filmes com heróis meio vilões, e por ficções mais ou menos científicas.

Regressamos em Lisboa com prazer e alegria a este nosso *Silenciador*, num quase quase final muito feliz desta nossa missão secreta, policial e futurista que foi e é a criação desta peça.

Marcos Barbosa

Diana Sá nasceu em 1978. Como atriz trabalhou em várias produções dirigidas por Denis Bernard, Mário Barradas, Julio Castronuovo, Paula Simms, Nuno Pino Custódio, Graeme Pulleyn, Walter Jansens, José Carretas, entre outros. Actualmente, é atriz residente do Teatro Oficina.

Emílio Gomes nasceu em 1981. Trabalhou com Rogério de Carvalho, António Durães, João Mota, Paula Simms, Júlio Castronuovo, Denis Bernard, António Pires, Alan Richardson, Jen Hayes e Nuno Cardoso. Em 2001 cria o Teatro Atípico. Integra, em 2003, a companhia Teatro Oficina. Encenou em 2005 *As estórias do Barão*. É professor de Expressão Dramática e Teatro e é, actualmente, actor residente do Teatro Oficina.

Ivo Bastos nasceu em 1977. Iniciou a sua actividade teatral em 1995 no Teatro Acção e passou por várias companhias como o C.A.I.R.-T.E., o Tancredo, o Teatro Art'imagem e finalmente o Teatro da Palmilha Dentada. Como actor trabalhou com os encenadores Carlos Frazão, William Gavião, Lee Beagley e Paulo Calatré. Colabora com o Teatro Oficina, tendo participado, em 2007, no espectáculo *Cântico de Natal* de Connor McPherson, encenado por Nelson Baskerville.

Jacinto Lucas Pires nasceu em 1974. Publicou livros como *Azul-turquesa* (ficção, 1998), *Abre para cá* (contos, 2000), *Livro usado* (viagem ao Japão, 2001), *Escrever, falar* (teatro, 2002), *Do sol* (romance, 2004), *Figurantes* (teatro, 2005), *Perfeitos milagres* (romance,

2007) ou *Assobiar em público* (recolha de contos, 2008), sempre na Cotovia. Escreveu e realizou as curtas-metragens *Cinemaamor* (1999) e *B.D.* (2004). Escreveu várias peças de teatro, entre as quais *Universos e frigoríficos*, *Arranha-céus*, *Coimbra b* e *Os vivos*, tendo trabalhado com encenadores como Manuel Wiborg, Ricardo Pais, Marcos Barbosa e João Brites. Na Culturgest, escreveu para os PANOS 2006 *Octávio no mundo*.

Marcos Barbosa nasceu em 1973. É fundador de .ilástico. Encenou *Variações sobre os patos* de David Mamet, *Escrever, falar*, *No fundo no fundo*, *Os dias de hoje* e *Coração transparente* de Jacinto Lucas Pires e *Perdoar Helena* de José Tolentino Mendonça. Trabalhou no México, em Monterrey, onde encenou textos de Sinisterra e Mário Cantú, bem como *Oximoro*, de sua autoria. Encenou as óperas *Così Fan Tutte* e *Ópera dos Três Vinténs*. É director artístico do Teatro Oficina de Guimarães. Na Culturgest encenou, em 2006, *Thom Pain / Lady Grey*, de Will Eno.

Pedro Carvalho nasceu em 1978. Tem formação em Artes plásticas - Pintura e dedica-se ao teatro desde 1996, principalmente na área de iluminação mas também de cenografia e fotografia. Entre 2003 e 2005 foi coordenador da equipa de luz do Teatro Carlos Alberto, no Porto. Assume em 2005 a direcção técnica do Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães. Colabora com vários artistas e companhias, sendo responsável pela concepção plástica e desenho de luz de vários projectos e produções. É um dos fundadores do Teatro da Palmilha Dentada.

Sara Amado nasceu em 1975. É arquitecta. Colaborou com os ateliers ARX Portugal Arquitectos e Pedro Silva Dias Designer e realizou vários projectos de interiores. Trabalha em áreas diversas como design (prémio no concurso Designwise 2.0 da Experimenta Design, 2004), design gráfico, arquitectura e cenografia (prémio da Mostra Estatal de Teatro de Nuevo León, 2002). Lecciona Educação Visual e Educação Tecnológica e colabora na definição de *layouts* de escritórios. Foi responsável pelas cenografias e figurinos da companhia .ilástico entre 1999 e 2006.

Sérgio Delgado nasceu em 1972. Iniciou a sua actividade no Teatro da Garagem como músico e compositor e, desde aí, tem concebido as bandas sonoras de diversos espectáculos, tendo trabalhado com os encenadores Marcos Barbosa, Nuno Cardoso, Ana Nave, Bruno Bravo, Natália Luísa, Cristina Carvalhal e Diogo Infante, entre outros, em peças de autores como Jacinto Lucas Pires, Marius von Mayenburg, Wedekind, Büchner, Shakespeare, Miguel Castro Caldas, Sam Shepard e Gombrowicz. Para televisão compôs a banda sonora da rubrica "Crónica" escrita por José Maria Vieira Mendes para o programa *Triunfo dos porcos* e da curta-metragem *Conto de Natal* escrita por Jacinto Lucas Pires, ambas na RTP2.

© Pedro Vieira de Carvalho



Rafael Toral, John Edwards e Tatsuya Nakatani

Ciclo 'Isto é Jazz?'

Comissário: Pedro Costa

Jazz Sex 19 Junho Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h00 · M12



Amplificador MT-10 modificado, sintetizador modular e circuito de ressonância modulada Rafael Toral
Contrabaixo John Edwards
Percussão Tatsuya Nakatani

O Trio formado por Rafael Toral, John Edwards e Tatsuya Nakatani aparece no ciclo "Isto é Jazz?" em estreia mundial, desafiando os limites do jazz, da música improvisada e electrónica.

Este tipo de formação (electrónica com contrabaixo e percussão) pode induzir em erro quem pensar que se trata de uma internacionalização do Space Trio de Toral, um grupo de inspiração *free*. Aqui apenas existe a junção de três músicos e três mundos muito pessoais. Não há dúvidas sobre a capacidade de qualquer um dos três em se relacionar com o jazz, cada um à sua maneira, mas este é um concerto que leva bem longe a resposta à pergunta que dá nome ao título deste ciclo.

Rafael Toral é um músico e artista que se notabilizou pelo trabalho com guitarra e electrónica, tendo sido considerado nos anos 1990 pelo *Chicago Reader*

"um dos guitarristas mais dotados e inovadores da década". Colaborou com John Zorn, Jim O'Rourke, Alvin Lucier, Roger Turner e Evan Parker, mantendo uma importante e duradoura parceria musical com Sei Miguel.

John Edwards tem estado envolvido numa grande diversidade de projectos, seja na música escrita como na improvisada. É um dos mais solicitados baixistas da cena jazzística londrina. O seu nome figura em mais de 80 gravações e muito recentemente editou o seu primeiro CD a solo.

Tatsuya Nakatani é um dos mais originais percussionistas da actualidade, inventando muitos dos instrumentos que toca e desenvolvendo novas técnicas. A sua linguagem baseia-se na música experimental e improvisada, jazz, *free jazz*, rock, *noise* e também na música tradicional japonesa. Tem tocado por todo o mundo e em várias palcos de grande nome.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Carmo Rolo

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Filipa Ferro estagiária

Patrícia Paixão estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
